



SÍNTESE SINODAL NACIONAL

*Por uma Igreja Sinodal:
comunhão, participação e missão.*



Luanda, 16 Julho 2022



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ
SECRETARIA-GERAL DO SÍNODO AD HOC

POR UMA IGREJA SINODAL: COMUNHÃO PARTICIPAÇÃO E MISSÃO

SÍNODO
2021

Em oração, reunidas em sínodo, as igrejas particulares (dioceses) da CEAST, respondendo à convocatória do Santo Padre, o Papa Francisco, e atendendo às suas perguntas, identificaram as luzes e as sombras presentes nelas e através delas, assim como as perspectivas e acções para as quais o Espírito as chama. Estas luzes, sombras e perspectivas são apresentadas abaixo, na Síntese Assumida, Enriquecida e Aprovada pela CEAST e apresentada à comunidade eclesial na Missa Dominical de 16/07/2022. A síntese segue o percurso traçado pelas perguntas do Documento Preparatório e do Vademecum do Sínodo é enviada à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos (Roma), às Dioceses e Paróquias da CEAST, para nutrir o processo sinodal.

I. OS COMPANHEIROS DE VIAGEM

I.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre as luzes no nosso caminhar juntos destacam-se:

1. consciência de que a Santíssima Trindade é o fundamento do nosso caminhar juntos;
2. consciência de que fazem parte da Igreja todos os baptizados (e catecúmenos), nas várias formas e expressões da sua diversidade e vários nos níveis de caminhada na fé e empenho eclesial. Estão incluídos aqueles que, por várias razões, se encontram desligados dos sacramentos (mas, por vezes, muito activos), como os amigos;
3. nesta grande família parecem caminhar mais estreitamente juntos os clérigos e consagrados e respectivos formandos, os catequistas, os leigos comprometidos em diferentes grupos e movimentos;
4. existência de várias formas de comunhão e participação, como a Liturgia, sobretudo a eucaristia dominical, comissões, conselhos e assembleias diocesanas, paroquiais e de centros pastorais, formas de organização dos leigos, momentos e espaços de planificação conjunta e comum execução de actividades programadas, escolas e universidades católicas como lugares de aprendizagem e escuta, rádios católicas como lugar de partilha e expressão do caminhar juntos;
5. caminhada em conjunto e ida ao encontro dos mais desfavorecidos, como doentes, órfãos, viúvas, presos. Este caminhar juntos abraça ainda a inteira sociedade, em cujas alegrias e dores a Igreja participa, sobretudo nos momentos de calamidades naturais, violências e injustiças que a Igreja sempre procurou denunciar.

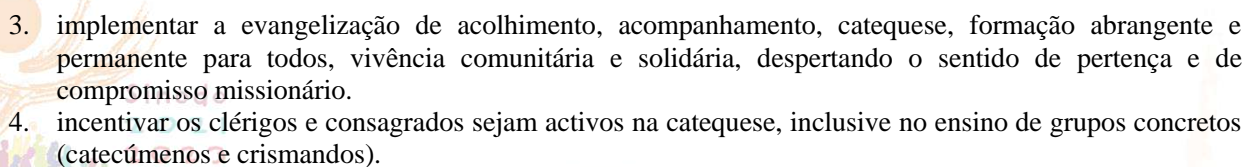
I.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

1. existem pessoas que se auto-excluem, por motivos vários, como desvios de conduta cristã, como poligamia e suas formas afins, mentalidade feiticista, apego a costumes antievangélicos, delinquência, alcoolismo, droga;
2. rejeição da fé católica, atracção para seitas devido à fé pouco enraizada, percepção da doutrina cristã como demasiado rígida, apego ao poder político e à sua hegemonia, apego à “glória” dos bens materiais, rejeição de Deus;
3. sensação de não ser acolhido, acompanhado e amado, sobretudo nos momentos difíceis da vida (como doença e óbito), indiferença e desatenção pelos membros dos grupos/movimentos e responsáveis (sacerdotes e líderes de grupos), calúnias, desunião, comportamentos autoritários e abusivos, discriminação, preconceitos;
4. embora sejam objecto da atenção da Igreja, sentem-se deixados à margem, muito frequentemente, os pobres, os órfãos, as viúvas, os doentes, os imigrantes, os idosos, os meninos de rua, os grupos étnicos minoritários, os analfabetos, os não ouvidos, os seguidores de seitas, os que perderam o encanto e o entusiasmo da vida cristã, os que, por qualquer motivo, são vistos com indiferença por parte de alguns membros da Igreja.

I.3. PERSPECTIVAS

A Igreja é chamada a:

1. procurar dinâmicas pastorais que levem ao seu crescimento e a uma sociedade melhor;
2. preocupar-se pelos que estão à margem, percorrer o caminho da oração, escuta e diálogo com todos os seus segmentos e com a sociedade em geral e criar estruturas de inclusão para os que não integram grupos ou movimentos, os mais desfavorecidos, material, humana e espiritualmente; as pessoas idosas, viúvas, presas, refugiadas, delinquentes, alcoólatras, prostitutas, homossexuais, famílias divididas, pessoas separadas dos seus parceiros, portadoras de deficiência, pessoas que não têm vez nem voz; grupos com pouca expressão na Igreja e os mal acolhidos;

- 
3. implementar a evangelização de acolhimento, acompanhamento, catequese, formação abrangente e permanente para todos, vivência comunitária e solidária, despertando o sentido de pertença e de compromisso missionário.
 4. incentivar os clérigos e consagrados sejam activos na catequese, inclusive no ensino de grupos concretos (catecúmenos e crismandos).

II. ESCUTAR

Per una Chiesa sinodale

con uomini e donne in cammino

II.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre as luzes no nosso caminhar juntos, enquanto chamados a escutar-nos uns aos outros, destacam-se:

1. muitas paróquias e missões foram erigidas e continuam a sê-lo em zonas periféricas, permitindo a deslocação dos agentes de pastoral às comunidades de difícil acesso (quase nunca visitadas por autoridades governamentais) para a celebração da Eucaristia (na qual o sacerdote, através da homília baseada nos textos litúrgicos, ajuda a assembléia a reflectir sobre a vida quotidiana e incentiva os fiéis a um compromisso de fé com Deus e com os irmãos), mas também para a assistência humana e espiritual isenta de preconceitos;
2. momentos cimeiros da escuta acontecem nos conselhos presbiterais, nas assembleias diocesanas e paroquiais, nos conselhos paroquiais de pastoral e económicos, nas reuniões dos grupos, movimentos, organismos e associações nos quais os agentes de pastoral ou outras pessoas competentes oferecem a sua disponibilidade para o diálogo com quem precisa, inclusive com os indefesos e vulneráveis;
3. dinâmicas de auscultação e inquéritos para a recolha das inquietações que afligem as comunidades;
4. visitas domiciliares por clérigos, consagrados e leigos comprometidos, para tocar a vida de pessoas singulares e famílias;
5. acções sociais respondendo, ainda que paliativamente, às aflições dos marginalizados, excluídos e vulneráveis.

II.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

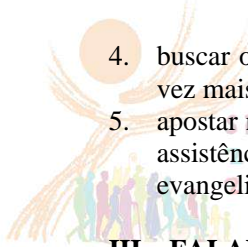
As principais sombras ligadas à escuta estão relacionadas com:

1. envolvimento de boa parte de agentes de pastoral em tarefas que lhes roubam ou diminuem o tempo para estarem mais próximos do rebanho e prestar-lhe a atenção necessária;
2. factores ligados a preconceitos e complexos, ao tribalismo, ao racismo, à linguagem inadequada e ao exibicionismo auto-referencial de quem comunica e a interesses e conveniências dos destinatários da mensagem;
3. influência dos contextos sociais, culturais e políticos que, por via da intimidação, levam alguns fiéis (homens, mais velhos e com algum poder civil) a se sentirem no direito de falar e outros a terem a obrigação-dever de escutar (mulheres, jovens e subalternos), porque vistos, muitas vezes, como ignorantes, rebeldes e arruaceiros;
4. estrutura hierarquizada, pouco aberta e menos dialógica, de algumas comunidades com medo de ouvir a verdade, coíbe o diálogo e dificilmente valoriza as contribuições dadas, levando certos leigos ao medo de falar, ao desânimo e, inclusive, a preferirem os murmúrios e a *emigrarem para as seitas*;
5. nalgumas comunidades, a presença de pessoas e grupos privilegiados, por serem mais activos e possuírem mais bens materiais, anula o valor dos factualmente relegados à periferia (jovens e mulheres, e até certos grupos étnicos);
6. falta de maturidade na fé e de compromisso, fraca disponibilidade devido a ocupações pessoais, faltas de respeito para com os jovens e conflito de gerações (adultos e jovens);
7. ministério da escuta que não atinge totalmente a realidade concreta das pessoas, por escassez de ministros e de tempo e por ausência de pedagogias apropriadas, desperdiçando-se ricas oportunidades de evangelizar.

II.3. PERSPECTIVAS

A voz do Espírito apela a Igreja a fazer mais em favor dos excluídos e abandonados pela sociedade, que querem ver a sua alegria devolvida, através de acções, que passam por:

1. os clérigos e consagrados, formados e autorizados, deverem ter tempo e horários fixos para a escuta humilde, sendo fiéis e acessíveis;
2. dar mais tempo a quem solicita o serviço de escuta; dar abertura aos carismas que o Espírito Santo desperta no seio da comunidade, para a edificação da Igreja e criar espaços (tempo) e centros para a escuta, sem preconceitos, dos fiéis e não só;
3. promover a pastoral de rua (nos meios urbanos) e assegurar uma assistência espiritual de proximidade às famílias, aos movimentos, organismos, associações, e não só;

- 
4. buscar oportunidades para a formação em Teologia, nas dioceses, para que a escuta recíproca seja cada vez mais abrangente e eficiente;
 5. apostar na sinodalidade inter-institutos de vida consagrada nas dioceses, para a construção de centros de assistência e desenvolvimento integral: hospitais, hospedarias, colégios, escolas de formação, evangelização, investigação, fazendas e fábricas.

III – FALAR

Per una Chiesa Sinodale
confronto e perfezionamento continuo

III.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Falam em nome da comunidade cristã os irmãos escolhidos e chamados por Deus, mas as opiniões de outras pessoas têm sido tidas em conta. Nos meios de comunicação social, apesar das dificuldades sentidas, a Igreja tem passado a sua mensagem evangélica e de conversão das almas. Por outro lado, registam-se passos significativos na liberdade de expressão. Isto é notório em oportunidades como assembleias diocesanas, paroquiais e de centros autónomos, espaços de antena radiofónicos e televisivos para a evangelização e educação cristã. As questões pastorais e sociais são discutidas e decididas nas reuniões, nos encontros, nos conselhos pastorais, nas assembleias (locais, paroquiais e diocesanos). Ademais, a família, a comunidade, a paróquia, a missão e determinadas plataformas virtuais são lugares e meios de diálogo entre irmãos, nos quais chegam a denominadores comuns e traçam objectivos igualmente comuns.

III.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Ainda não está totalmente ultrapassada a cultura de intimidação, combinada com o controle dos meios e das oportunidades para o exercício da liberdade de expressão, sobretudo nos meios públicos. A isto juntam-se igualmente factores como:

1. fraca formação humana e cristã, que leva à incoerência nas palavras e a atitudes hipócritas, que visam interesses políticos, económicos e sociais;
2. vergonha e medo de represálias, quem leva muitos, em casa, na escola, na Igreja e nos grupos, a não levantar a voz e a omitir a verdade com receio de perder o pão e/ou a vida;
3. “barreiras institucionais” impostas aos leigos, complexo de inferioridade, fruto da condição social, étnica, profissional e estado civil (amigados ou separados); desigualdade de oportunidades (nalguns contextos e casos, havendo líderes, grupos e etnias dominantes, preconceitos e intolerâncias);
4. dificuldades em lidar com a crítica e interpretação da opinião contrária como agitação, rebeldia;
5. interpretação errada e manipulação de pronunciamentos nos meios de comunicação social, sobretudo nas redes sociais, lesando gravemente a transparência, a compreensão, a tolerância, a simplicidade, a paciência e a escuta sincera;
6. insuficiência ou inexistência de grupos/movimentos para a integração de muitos adultos e crianças, sendo que têm menos oportunidades de expressar as suas ideias;
7. embora os jovens sejam os que mais se manifestam, as suas opiniões nem sempre são bem acolhidas, e são frequentemente tidos como rebeldes e, conseqüentemente, coibidos pelos líderes ou adultos.

III.3. PERSPECTIVAS

Contra as limitações acima expostas, o Espírito impele a Igreja às seguintes acções:

1. aproximar clérigos e leigos, para que estes encontrem maior acolhimento e respeito para falarem com franqueza e coragem sobre a vida da Igreja Local e sobre a Sociedade;
2. formar sobre os limites da liberdade de expressão: direitos e legítimos interesses de terceiros, e dogmas, sobre os quais não há discussão válida;
3. tirar maior e melhor proveito dos meios de comunicação social, fazendo deles o púlpito a partir do qual os agentes de pastoral (bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas, evangelistas, catequistas e quantos difundem a mensagem cristã e contribuem para o engrandecimento da Igreja) anunciem e defendam a doutrina social da Igreja, em geral, e a justiça, em particular, com coragem, liberdade, verdade e caridade;
4. superar atitudes autoritárias e agressivas de líderes, desmistificar tabus e denunciar males graves nas comunidades;
5. alargar oportunidades, para que mais membros da comunidade falem;
6. dotar a Igreja de Angola de um centro de documentação e comunicação;
7. criar e manter sessões de auscultação enquanto meios de prevenção e alívio da criminalidade;
8. incentivar aqueles que forem chamados a intervir em nome da Igreja nos meios de comunicação social a fazê-lo com maior responsabilidade e qualidade.

IV – CELEBRAR

IV.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre as luzes que manifestam como a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efectivamente o nosso “caminhar juntos” ressaltam:

1. existência de celebrações bem preparadas e vividas;
2. assumpção das celebrações como centro da vida da comunidade, despertando a fé e as consciências, sendo meio de comunhão e participação activa dos fiéis, ajudando, inspirando e orientando através do conhecimento da Palavra de Deus, meditada e partilhada, da caridade vivida no perdão e na ajuda mútua, de homilias que fortalecem e tocam o coração dos fiéis, dos sacramentos, mormente a Penitência e a Eucaristia, dos encontros de oração e cânticos que convidam à conversão diária e dos ensaios (grupo coral, leitores, acólitos e protocolo);
3. existência de celebrações com invocação e presença do Espírito Santo, escuta atenta de Deus que nos fala na Palavra, pela partilha e tomada de decisões comuns, tendo Jesus Cristo como modelo;
4. penitência, cânticos, homilias, oração e a graça de Deus recebida em forma de bênção, proporcionando vivências eclesiais e de fé que fomentam tomadas adequadas de decisão;
5. incentivo a realizar tarefas na comunidade e nos grupos;
6. diálogo, formações (bíblicas, litúrgicas e doutrinárias), palestras, encontros de oração, retiros, ensaios litúrgicos, peregrinações, sacramentos e sacramentais, vivência dos momentos fortes da caminhada litúrgica;
7. participação activa dos irmãos na Eucaristia e noutras acções litúrgicas ou paralitúrgicas (adoração ao Santíssimo, romarias e procissões, Terço do Rosário da Virgem Maria e Via Sacra);
8. concentração nas celebrações litúrgicas, nas formações e nas preparações litúrgicas, sob a orientação do Bispo e do Pároco.

IV.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Entre as sombras que caracterizam a nossa vivência em oração contamos:

1. sobrecarga geral dos sacerdotes na distribuição do viático aos idosos e doentes, por carência de ministros extraordinários da eucaristia;
2. presença de contra testemunhos e atitudes egoístas, protagonizados por agentes de pastoral, que dificultam a comunhão na tomada de decisões;
3. pouca adesão geral à formação sobre o que se deve conhecer a respeito da Celebração Dominical da Eucaristia, do Sacramento da Penitência e sobre o lugar central que a oração deve ocupar na vida dos crentes;
4. cultura supersticiosa – haurida dos movimentos neopentecostais e seitas - que aprisiona muitos fiéis, levando-os a querer buscar e encontrar nos mistérios sagrados e na oração poderes mágicos;
5. falta de criatividade que leva alguns fiéis a se desinteressarem da formação, a abandonarem a Igreja e a irem com facilidade para seitas, por não estarem formados nem informados;
6. excesso de exibição nalguns grupos corais;
7. desconhecimento da Bíblia e da vida dos santos padroeiros por alguns grupos eclesiais;
8. formação e instituição dos ministérios do leitorado e acolitado reservadas aos candidatos ao sacerdócio.

IV.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS):

A Igreja é chamada pelo Espírito a:

1. levar os fiéis à santificação pela prática do Sacramento da Penitência;
2. escolher bem os cânticos e ensaiá-los para que os fiéis participem;
3. aproveitar os óbitos para evangelizar, antes, durante e depois do funeral;
4. sensibilizar os fiéis, oferecendo formações para uma participação digna, consciente e activa na Liturgia;
5. formar os agentes de pastoral e os fiéis em geral: sobre a importância do Domingo; na dimensão Eucarística; no ministério de leitores e acólitos; sobre os mistérios da Igreja, a Virgem Maria e os Santos;
6. dar maior relevância à Palavra de Deus em línguas nacionais;
7. exigir devida preparação das homilias dos Presbíteros, em ordem à edificação da fé dos crentes,
8. seguir a norma litúrgica e incentivar à participação nas semanas litúrgicas nacionais e diocesanas, sendo que as adaptações devem constar em directório litúrgico nacional.

V – CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

V.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS:

Entre as luzes que manifestam como vivemos a corresponsabilidade na missão destacam-se:

1. apelos constantes à consciência da identidade cristã para a missão comum, inclusive dos leigos;
2. gestos e acções nobres de pessoas singulares e de grupos, que vivem a sua identidade de «sal» numa terra indiferente e de «luz» num mundo controverso e agressivo;
3. presença de grupos, movimentos e novas realidades eclesiais que vão crescendo nas dimensões social e caritativa.

V.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Entre os aspectos que ensombram a exigência de corresponsabilidade na missão destacam-se

1. dificuldade de muitos de cristãos entenderem o significado do ser membro da Igreja e da sua correspondente missão no mundo;
2. existência de baptizados que abandonaram a Igreja e a fé católica (alguns nutrem o desejo de voltar!), que se acostumaram a uma vida *light*, sem comprometimento, sem solidariedade; e de outros que, inseridos na vida eclesial, mantêm-se distanciados e não cooperam na missão de evangelizar;
3. da parte de leigos, carência de formação sobre a Doutrina Social da Igreja, situação que acaba por afectar, inclusive, sacerdotes, religiosos e religiosas;
4. crianças e jovens, amiúde, mal preparados para os sacramentos, que recebendo-os assim, correm o risco de cumprir apenas um dever circunstancial, porque não fazem a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo;
5. falta de união e colaboração entre os membros dos diferentes grupos, movimentos e associações, porque ignoram que somos todos filhos de Deus, membros da mesma Paróquia, Diocese e Igreja;
6. desconhecimento dos documentos da Igreja, em particular, dos do Papa.

V.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS)

A Igreja é impelida pelo Espírito a:

1. promover formação contínua nos grupos, movimentos e celebrações (formação bíblica, litúrgica, espiritual, para o ministério da escuta, de líderes; para a consciência cívica e pastoral dos cristãos, a partir da Doutrina Social da Igreja, para o envolvimento responsável na política, na escolha consciente dos governantes, nos compromissos sociais, com denúncia profética e transmissão de valores);
2. reformular a catequese infantil, juvenil e de adultos (para serem também catequistas dos filhos), para a evangelização da comunidade;
3. aprofundar o sentido de pertença à Igreja, do «ser missionário», que não se refere apenas aos ordenados e consagrados, mas a todos os cristãos;
4. continuar a desenvolver a pastoral social, com iniciativas várias e coordenadas (recolha e entrega de donativos, voluntariado, cozinhas comunitárias, visita às famílias, aos presos e os doentes, solidariedade para com a dor do outro, etc.);
5. dar maior atenção à pastoral académica, visando a formação integral do homem – que as escolas, universidades e institutos católicos se afirmem como tais;
6. investir na pastoral juvenil, formando os jovens para serem discípulos missionários, com iniciativas que despertem para a fé e o compromisso social;
7. ir ao encontro dos baptizados perdidos e afastados da comunidade, com o testemunho de vida e dinâmicas de renovação cristã;
8. integrar irmãos, que foram para outras igrejas e seitas ou se afastaram de outro modo e querem voltar à Católica, numa catequese paroquial demorada;
9. encorajar os sacerdotes e os missionários a incentivarem os leigos a serem cada vez mais conscientes e activos na Igreja, apoiando material, financeira e espiritualmente a comunidade paroquial;
10. incentivar todos os agentes de pastoral à co-responsabilidade nas tarefas e na avaliação das mesmas;
11. estudar os documentos do Sumo Pontífice e dos Bispos, para sua aplicação na vida real das pessoas;
12. consciencializar para o facto de que os “padres não são uma casta à parte”, mas membros do povo de Deus, ainda que com um “ministério especial”;
13. Incentivar o funcionamento das comissões episcopais, bem articuladas com as comissões diocesanas e paroquiais, todas suportadas por recursos adequados.

VI – DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

VI.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS:

O diálogo interno e com a sociedade, a colaboração com as dioceses irmãs, são favorecidos através de:

1. assembleias diocesanas, conselhos pastorais, reuniões de comissões, segundo a modalidade de exposição do problema, com a análise e intervenção dos participantes e conclusões;
2. diálogo, tolerância, consenso e intervenção da hierarquia, quando necessário, como meio para enfrentar divergências de visão, conflitos e dificuldades;
3. troca de experiências, partilha de missionários, encontros entre os movimentos, desporto entre os sacerdotes, peregrinações diocesanas e inter-diocesanas como meios para promover colaboração entre dioceses vizinhas e com e entre as comunidades religiosas no mesmo território;
4. palestras, informações, colaboração em eventos e instituições sociais e culturais como meios de promoção do diálogo e da aprendizagem com outras instâncias da sociedade;
5. reunião entre as pessoas da comunidade para concertarem ideias, projectarem e criar novas dinâmicas, perceber os desafios que a sociedade e a Igreja impõem;
6. uso da família e Igreja, movimentos e comissões, locais de trabalho e meios de comunicação sociais, como verdadeiros areópagos, onde os cristãos e outros se reúnem para se pronunciarem sobre a essência das comunidades cristãs e sobre problemas sociais e existenciais.

VI.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Entre as sombras contam-se:

1. conflitos, que não constroem comunidades nem grupos;
2. certa indiferença ao discurso da Igreja (denúncias) a todos os níveis;
3. má compreensão da identidade de cada uma das confissões religiosas e seitas presentes no país;
4. concepção da Igreja numa perspectiva de subserviência, como se faz com determinados outros grupos religiosos, procurando obrigá-la a alinhar ao discurso político dominante;
5. relações pouco fraternas entre sacerdotes, consagrados e leigos, nalguns lugares;
6. falta de amor ao próximo, crise de fé e dos valores cívicos e éticos e crescente desrespeito pelos direitos humanos;
7. poucas oportunidades de diálogo nas comunidades e, nalguns casos, entre as comunidades e a sociedade civil.

VI.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS)

A Igreja é impelida pelo Espírito, mas o Espírito interpela a Igreja a:

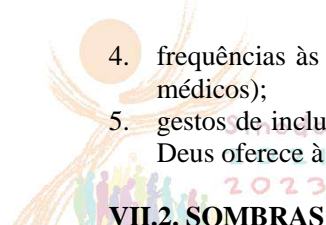
1. conjugar esforços para maior harmonia entre os fiéis;
2. cuidar dos lugares e objectos de culto, porque são meios para a celebração da fé no caminho da santidade;
3. obedecer às leis, porque necessárias na sociedade, e trabalhar para o seu aperfeiçoamento, sempre que necessário;
4. aprender das pessoas não católicas o que Deus fala através delas;
5. dialogar com outros sectores da sociedade, para a captação de informações sobre a vida das pessoas e a obtenção de dados sobre as dificuldades que os cidadãos atravessam;
6. incentivar à correção mútua e fraterna, sempre que se constatar algum atropelo ou desvio;
7. elaborar planos de acção de corresponsabilidade na missão;
8. dialogar, por meio de encontros, debates, seminários, palestras, semanas sociais e sessões de formações;
9. identificar e implementar estratégias de autosustentabilidade e solidariedade eclesial dos missionários.

VII – DIÁLOGO COM AS OUTRAS CONFISSÕES CRISTÃS

VII.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS:

As nossas comunidades, dentro dos critérios definidos pela Igreja e no respeito pela tradição de cada uma das confissões cristãs, caminha com algumas, destacando-se nisso:

1. relação de irmandade, apesar de algumas dificuldades;
2. busca da figura de Cristo, o Salvador do mundo, e partilha com os irmãos a partir da Sagrada Escritura;
3. colheita de muitos frutos no caminhar juntos, entre os quais fortalecimento da fé, solidariedade, capacidade de reconhecer o outro como imagem e semelhança de Deus, proactividade, humildade, paciência, amadurecimento cristão e social, e amor ao próximo;

- 
4. frequências às mesmas instituições (escolas, centros de formação profissional, centros de saúde, postos médicos);
 5. gestos de inclusão dos que estão à margem, porque partilhamos a mesma fé e buscamos a salvação que Deus oferece à humanidade, em Seu Filho Jesus.

VII.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Existem ainda entraves como:

1. dificuldades neste caminhar juntos, que consiste na resistência às diferenças;
2. falta de conhecimento e conseqüente rejeição do nosso Credo Religioso, particularmente sobre a presença real de Cristo na Eucaristia; a nossa Liturgia, ritos e celebrações; a presença e papel da Virgem Maria na Igreja; os vários dogmas...
3. significativas diferenças existentes no pensamento teológico, resultantes da diversidade de interpretações das Sagradas Escrituras;
4. acusação contra a Igreja Católica de idolatria (culto às imagens) e de meter-se na política, surgindo, por detrás disso, atitudes cada vez mais anticatólicas, com fins de buscarem hegemonia própria e fragilizar o poder moral e espiritual da Igreja Católica;
5. uso errôneo da terminologia teológica, visando acusar a Igreja Católica de idólatra, de infiel...; proliferação de denominações religiosas, muitas das quais sem identidade doutrinal; uso intencional e abusivo tanto de objectos de culto católico como dos títulos canónico-eclésiástico católicos com a intenção de confundir ou iludir os fiéis ou, pior, de nivelar as confissões religiosas como se tudo fosse a mesma coisa;
6. violenta invasão do islamismo e adesão da juventude feminina a ele, sem se ter a consciência dos riscos para o país e, de modo particular, para a Igreja;
7. algumas igrejas pensam que se trabalharmos juntos serão obrigadas a entrar na Igreja Católica. Algumas pessoas dizem que na Católica demora-se muito para a recepção dos Sacramentos, o que as motiva a aderir às seitas.

VII.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS)

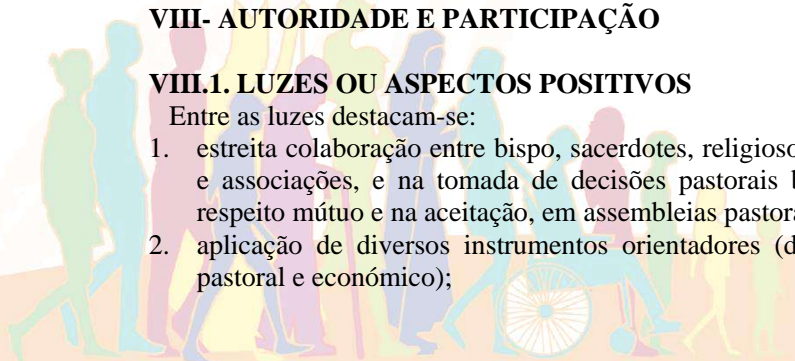
O Espírito apela a Igreja a:

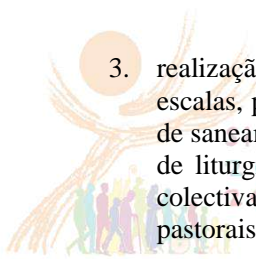
1. criar condições de fraternidade, como a aceitação dos outros e das diferenças, colocando-se à disposição de Deus, misericordioso e justo para com todos;
2. manter um diálogo aberto, sem estigmas entre os cristãos e não só, partilhando sempre a figura de Cristo, o Salvador do mundo;
3. orientar os cristãos católicos a participarem somente nas celebrações ecuménicas convocadas pelas autoridades canónicas competentes;
4. formar na consciência e doutrina sobre a prioridade dos casamentos entre católicos, em detrimento de casamentos mistos;
5. manter cordialidade e respeito das diferenças entre irmãos, na convivência familiar, laboral, na vizinhança, etc.;
6. realizar encontros que permitam um conhecimento mútuo e que afaste quaisquer estereótipos, e compreender o máximo possível a própria identidade que faz agir;
7. realizar sessões de formações sobre a essência, história e fundamento da Igreja, de modo a evitar-se a ignorância e o extremo fanatismo, que fomentam litígios e intolerâncias;
8. evitar que o acolhimento nas escolas católicas sacrifique os ideais da fé católica. Levar os pais dos alunos a assinar um termo de compromisso de respeito ao regulamento das Escolas Católicas, evitando, deste modo, sacrificar os símbolos e ideais da Fé Católica;
9. levar aqueles que aderem às nossas escolas a respeitar o regulamento estabelecido, sendo elas lugares de educação na fé, na oração, na inteligência e em humanidade.

VIII- AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

VIII.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre as luzes destacam-se:

1. estreita colaboração entre bispo, sacerdotes, religiosos, catequistas, responsáveis de grupos, movimentos e associações, e na tomada de decisões pastorais baseadas na abertura, na participação, no diálogo, respeito mútuo e na aceitação, em assembleias pastorais diocesanas e paroquiais;
 2. aplicação de diversos instrumentos orientadores (decretos, estatutos (de órgãos, como conselhos de pastoral e económico);
- 

- 
3. realização de actividades paroquiais e diocesanas, convívios entre comunidades, reuniões, limpezas com escalas, peregrinações, doações de bens aos pobres, campanhas de registo de nascimento, de vacinação, de saneamento básico ou de promoção de cuidados de saúde pública, retiros, visitas aos doentes, serviços de liturgia, organização da catequese e formações, no espírito de assumir responsabilidades e tarefas colectivas, actividades essas plasmadas no programa anual por meio do concurso dos vários programas pastorais e dos grupos, mas também atendendo a necessidades pontuais.

VIII.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

O nosso caminhar juntos na autoridade e participação é ensombrado por alguns aspectos como:

1. autoritarismo por parte de alguns e indiferença por parte de outros, o que, muitas vezes, dificulta a busca de consensos;
2. as *crianças* reclamam face à escassez de programas específicos que visam a sua evangelização e inserção na dinâmica diocesana; os *jovens* confirmam a existência de factores que condicionam a liderança juvenil nas dioceses, bem como a insuficiência de acções formativas para uma maior contribuição na missão da Igreja e um testemunho autêntico na vida social; as *mulheres* reclamam o facto de não se lhes reconhecer até hoje o direito ao ministério da palavra na Igreja e o silêncio da Igreja diante das diferentes formas de violência de que são vítimas quer no âmbito familiar quer na sociedade
3. mentalidade feiticista tem sido um grande obstáculo e factor destruidor, tanto na vida religiosa como na vida das famílias, manchando o bom nome e o rosto da Igreja, desestabilizando a vida comunitária e a vida pastoral;
4. pouca promoção dos ministérios laicais da Igreja.

VIII.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS)

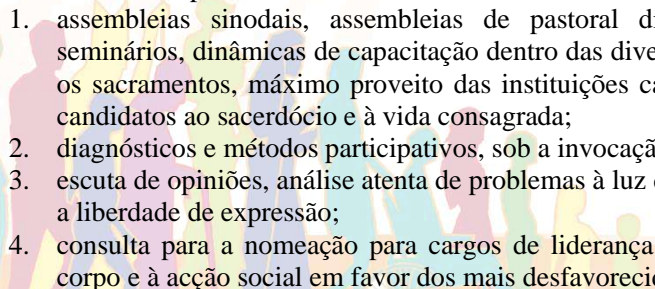
A Igreja é impelida pelo Espírito a:

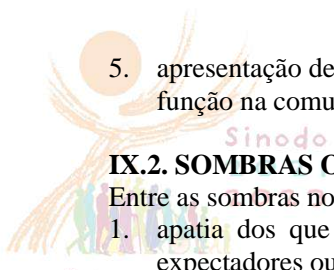
1. erradicar os sinais de clericalismo, abusos do poder, fundamentalismo e preconceitos no seu seio, superar o clericalismo latente, que desconfia ainda da capacidade dos leigos, chamados a deixarem de ser um «gigante adormecido»;
2. impulsionar ou manter o espírito ou tradição das “semanas da diocesaneidade”, que devem reunir, anualmente, num mesmo lugar, a Família Diocesana (Bispo, Sacerdotes, Religiosos e Leigos) para a formação, oração, partilha do pão e actividades lúdicas, expressão de comunhão da Igreja-Família da Diocese;
3. promover mais encontros entre o clero e o laicado, que mobilizem a participação, a subsidiariedade e a corresponsabilidade, colocando a diversidade de dons de todos ao serviço da missão na igreja e no mundo;
4. melhorar os instrumentos de acompanhamento e avaliação de actividades;
5. valorizar e respeitar o carisma de cada grupo ou fiel e criar canais de informação fluída sobre as actividades da comunidade e dos grupos;
6. incentivar os fiéis a participarem na vida da paróquia e na realização de tarefas e compromissos;
7. desenvolver o conhecimento e contacto com a Palavra de Deus, através de cursos bíblicos que ajudem os fiéis a amar a Sagrada Escritura e a cultivar uma leitura assídua da mesma e o seu constante manuseamento; cultivar também a devoção eucarística, valorizando a missa dominical e a exposição do Santíssimo;
8. acolher as pessoas que estão em situação irregular, aprofundando o estudo das orientações pastorais e aplicando-ás em cada caso.

IX - DISCERNIR E DECIDIR

IX.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre os nossos processos de discernimento e de decisão destacam-se:

- 
1. assembleias sinodais, assembleias de pastoral diocesanas e paroquiais, reuniões de Conselhos, seminários, dinâmicas de capacitação dentro das diversas realidades, pastoral da família, preparação para os sacramentos, máximo proveito das instituições católicas de educação e formações privilegiadas aos candidatos ao sacerdócio e à vida consagrada;
 2. diagnósticos e métodos participativos, sob a invocação do Espírito Santo;
 3. escuta de opiniões, análise atenta de problemas à luz do Espírito, oração pessoal e em grupo, favorecendo a liberdade de expressão;
 4. consulta para a nomeação para cargos de liderança e atribuição de tarefas em ordem à edificação do corpo e à acção social em favor dos mais desfavorecidos; implementação de uma pastoral de conjunto;

- 
5. apresentação de relatórios, indicação de pessoas com maturidade comprovada para o exercício de alguma função na comunidade, com vista à promoção da transparência e da responsabilidade.

IX.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Entre as sombras nos nossos processos de discernimento e de decisão destacam-se:

1. apatia dos que não se querem comprometer a sério com a vida cristã, agindo quase sempre como expectadores ou admiradores dos que se envolvem de corpo e alma na vida e nos destinos da Igreja local;
2. predomínio da crítica, ainda que construtiva;
3. alguns relatos tristes de desvio de fundos alocados a determinado projecto, sem qualquer explicação plausível;
4. transparência sendo um autêntico desafio, se não mesmo um problema, sobretudo, quando os relatórios financeiros e económicos não são publicados e quando o são, não são claros nem conclusivos;
5. falta de coerência de alguns consagrados entre o que transmitem ao Povo de Deus e o que vivem, o que constitui o motivo de descrédito diante dos fiéis leigos;
6. alguma resistência, por parte de alguns líderes, que dão pouco espaço aos jovens e, vice-versa, bem como existência de alguns jovens desinteressados em actividades de natureza espiritual, cultural e formativa;
7. incapacidade de quebrar os muros criados no passado, sensação de autossuficiência por parte dos que gozam de boa condição económica, conflitos geracionais no seio do clero, regionalismo, tribalismo, busca excessiva de interesses pessoais não eclesiais, falta de sensibilidade por parte de alguns sacerdotes em relação aos problemas que afligem os fiéis, pouca solidariedade nos momentos de dificuldades;
8. dificuldade de diálogo com os irmãos de algumas confissões religiosas, por insistirem em criticar os Católicos pela veneração aos Santos e à Nossa Senhora, pela reza do terço, pelo baptismo de crianças e pela pobreza e fraqueza das suas estruturas.

IX.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACÇÕES/PROJECTOS)

A Igreja é encorajada pelo Espírito a:

1. ser uma “Igreja em saída”; saindo de nós mesmos e indo ao encontro dos que precisam de ouvir a Palavra de Deus;
2. formar para o discernimento participativo. Quanto mais pessoas forem implicadas no discernimento, melhor será a qualidade de decisão. Tomar decisões sem discernimento fragiliza o cumprimento delas;
3. cada um assumir o seu papel, bispos serem pastores à semelhança de Jesus, preocupados com as suas ovelhas; sacerdotes serem verdadeiros acolhedores dos seus fiéis, com uma vida de oração intensa, sensíveis aos pobres e marginalizados; consagrados serem pessoas que levem Deus aos homens e os homens a Deus; leigos assumirem a sua vocação no mundo, deixando-se iluminar pela fé em Cristo e sendo sal e luz do mundo.
4. formar a consciência dos que gerem os bens da Igreja, para uma gestão transparente e eficiente, fiscalizando a sua acção.

X. FORMAR-SE NA SINODALIDADE

X.1. LUZES OU ASPECTOS POSITIVOS

Entre os contextos regulares de formação na sinodalidade destacam-se:

1. formação através de actos contínuos, como: catequese, cursos e palestras sobre liderança, teologia bíblica, Doutrina Social da Igreja, temáticas sociais, estudo do Catecismo da Igreja Católica;
2. formação espiritual, humana, litúrgica, doutrinal, formação integral e versátil em vários domínios, como científico, tecnológico, religioso e pastoral, assim como capacitação dos membros integrantes dos grupos, movimentos e associações nas Paróquias, tudo para ser desenvolvido o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal;
3. formação básica para promover os princípios da fraternidade e do respeito do bem comum;
4. comunicação social como espaço de escuta, observação e reflexão;
5. familiarização com a Sagrada Escritura, luz para a vida do crente e que purifica os modelos sociais e culturais de vida;
6. diálogo permanente para dissipar os mal-entendidos, promover a verdade e a união;
7. inculturação para evangelizar o interior do crente de forma profunda e cultural;
8. conhecimento das nossas línguas e linguagens, dos Documentos do Magistério da Igreja, uso da comunicação social, das redes sociais... como chave e instrumentos de leitura por excelência dos fenómenos sociais e culturais em que estamos inseridos e do seu impacto no nosso estilo de Igreja.

X.2. SOMBRAS OU ASPECTOS NEGATIVOS

Entre as sombras na formação na sinodalidade destacam-se:

1. ignorância, por parte de alguns líderes e responsáveis, dos documentos reitores da vida da Igreja, como, por exemplo, o Catecismo e as orientações litúrgicas;
2. exercício da autoridade excessivamente centralizado em algumas comunidades;
3. inexistência de formação dos missionários na cultura e língua locais ofusca a formação à sinodalidade na nossa igreja local;
4. fraca presença de uma formação catequética mais diversificada, mais sólida e virada para a realidade de hoje, que saiba também fazer uso das plataformas digitais e evangelizá-las.

X.3. PERSPECTIVAS (PROPOSTAS DE ACCÕES/PROJECTOS)

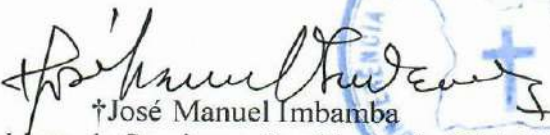
A Igreja é encorajada a:

1. criar e manter cursos profissionalizantes para capacitar os jovens e as mulheres para a vida económica e social, bem como garantir formação especializada e diversificada dos sacerdotes, incluindo com cursos técnicos, tudo isto no âmbito da formação integral, tendo em conta os sinais dos tempos novos;
2. preparar os ministros ordenados para a liderança, desde os seminários à formação permanente do clero, bem como preparar os demais agentes de pastoral;
3. oferecer formação multifacética (doutrinal, de liderança, humana, bíblica, catequética e litúrgica) para o discernimento e o exercício da autoridade;
4. realizar encontros de formação e catequese que não se limitem às salas, mas cheguem às famílias, aos grupos e movimentos, aos fiéis em geral e aos seus compromissos profissionais, laborais, cívicos, culturais e políticos;
5. formar para a liberdade, transparência financeira e respeito de papéis;
6. tornar funcional a missão dos leigos nas paróquias;
7. caminhar juntos, sim, na comunhão, missão e participação, isto é, no compromisso pessoal e eclesial com os homens para Deus;
8. enraizar o Evangelho na cultura, purificando o que é pernicioso, nocivo e incompatível com ele: feitiçaria, adivinhação, amuletos;
9. garantir o acompanhamento dos fiéis (sobretudo de crianças e jovens) por presbíteros, comunidades religiosas, catequistas e líderes reconhecidamente competentes;
10. estabelecer organismos e programas de formação para a sinodalidade, mantendo a dinâmica já iniciada;
11. formar na eclesiologia da sinodalidade para que cada um assuma o seu lugar na Igreja;
12. dar força aos organismos de sinodalidade já existentes nas comunidades cristãs.

Aprovado em Assembleia Sinodal da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST)

Luanda, 21 de Julho de 2022

P'los Bispos de Angola e São Tomé e Príncipe


† José Manuel Imbamba
Arcebispo de Saurimo e Presidente da CEAST

